

O GATO SOU EU

Alí, ENTÃO, eu sonhei que tinha acordado. Mas continuei dormindo.

- Continuou dormindo.
- Continuei dormindo e sonhando. Sonhei que estava acordado na cama, e ao lado, sentado na cadeira, tinha um gato me olhando.
- Que espécie de gato?
- Não sei. Um gato. Não entendo de gatos. Acho que era um gato preto. Só sei que me olhava com aqueles olhos parados de gato.
- A que você associa essa imagem?
- Não era uma imagem: era um gato.
- Estou dizendo a imagem do seu sonho: essa criação onírica simboliza uma profunda vivência interior. É uma projeção do seu subconsciente. A que você associa ela?
- Associo a um gato.
- Eu sei: aparentemente se trata de um gato. Mas na realidade o gato no caso é a representação de alguém. Alguém que lhe inspira um temor reverencial. Alguém que

a seu ver está buscando desvendar o seu mais íntimo segredo. Quem pode ser esse alguém, me diga? Você deitado aí nesse divã como na cama em seu sonho, eu aqui nesta poltrona, o gato na cadeira... Evidentemente esse gato sou eu.

- Essa não, doutor. A ser alguém, neste caso o gato sou eu.
- Você está enganado. E o mais curioso é que, ao mesmo tempo, está certo; certíssimo, no sentido em que tudo o que se sonha não passa de uma projeção do eu.
- Uma projeção do senhor?
- Não: uma projeção do *eu*. O eu, no caso, é você.
- Eu sou o senhor? Qual é, doutor? Está querendo me confundir a cabeça ainda mais? Eu sou eu, o senhor é o senhor, e estamos conversados.
- Eu sei: eu sou eu, você é você. Nem eu iria pôr em dúvida uma coisa dessas, mais do que evidente. Não é isso que eu estou dizendo. Quando falo no eu, não estou falando em mim, por favor, entenda.
- Em quem o senhor está falando?
- Estou falando na individualidade do ser, que se projeta em símbolos oníricos, dos quais o gato do seu sonho é um perfeito exemplo. E o papel que você atribui ao gato, de fiscalizá-lo o tempo todo, sem tirar os olhos de você, é o mesmo que atribui a mim. Por isso é que eu digo que o gato sou eu.
- Absolutamente. O senhor vai me desculpar, doutor, mas o gato sou eu, e disto não abro mão.
- Vamos analisar essa sua resistência em admitir que eu seja o gato.
- Entrão vamos começar pela sua insistência em que-

rer ser o gato. Afinal de contas, de quem é o sonho: meu ou seu?

— Seu. Quanto a isto, não há a menor dúvida.

— Pois então? Sendo assim, não há também a menor dúvida de que o gato sou eu, não é mesmo?

— Aí é que você se engana. O gato é você, na *sua* opinião. E sua opinião é suspeita, porque formulada pelo consciente. Ao passo que, no subconsciente, o gato é uma representação do que significa para você. Portanto, insisto em dizer: o gato sou eu.

— E eu insisto em dizer: não é.

— Sou.

— Não é. O senhor por favor saia do meu gato, que senão eu não volto mais aqui.

— Observe como inconscientemente você está rejeitando minha interferência na sua vida através de uma chantagem...

— Que é que há, doutor? Está me chamando de chantagista?

— É um modo de dizer. Não vai nisso nenhuma ofensa. Quero me referir à sua recusa de que eu participe de sua vida, mesmo num sonho, na forma de um gato.

— Pois se o gato sou eu! Daqui a pouco o senhor vai querer cobrar consulta até dentro do meu sonho.

— Olhe aí, não estou dizendo? Olhe a sua reação: isso é a sua maneira de me agredir. Não posso cobrar consulta dentro do seu sonho enquanto eu assumir nele a forma de um gato.

— Já disse que o gato sou eu!

— Sou eu!

— Ponha-se para fora do meu gato!

— Ponha-se para fora daqui!

— Sou eu!  
— Eu!  
— Eu! Eu!  
— Eu! Eu! Eu!

IN: SABINO, Fernando. "Os melhores contos de Fernando Sabino". Rio de Janeiro: Record, 1986, págs. 173-176.